

A cidade sob a ótica do afeto  
Registros visuais, sonoros e discursivos do cotidiano

## RESUMO GERAL

Essa mesa objetiva tratar dos afetos nas cidades. Uma vez em que a vida pulsa furiosamente nessas, o que podemos perceber tanto através de um olhar amoroso, pela contemplação de um objeto que encanta, assim como esta também pode ser materializada no cansaço das lutas desgastantes, nos sofrimentos, entre outras experiências. Se nos retermos em apenas uma questão, um recorte, tal procedimento metodológico pode nos induzir a desconsiderarmos algum outro ponto fundamental para a complexidade da experiência urbana. Teorizar a vida urbana a partir de um olhar seccionado – como aquele que vem de fora e observa os acontecimentos – é, talvez, uma forma que pode favorecer a desconexão do que seria inerente à complexidade das cidades.

A cidade também se constitui por experimentos diversos que formam, afirmam, reformulam e recriam os imaginários de sua população e suas culturas. A todos esses elementos soma-se a necessidade de afetos, próprios da condição humana.

Nesse sentido, na língua portuguesa, a palavra afeto se vincula a capacidade humana de sentir, seja para o bem ou para o mal. Para que essa palavra se torne verbo, ou seja, possa ser uma ação, para além de um estado, é necessário que a sensibilidade dos sujeitos em questão seja alterada, movimentada.

Quais seriam os afetos que movimentam os sujeitos e, logo, as cidades?

Ao nos depararmos com as múltiplas desposseções, com condições desiguais (muitas vezes violentas) as quais os sujeitos são submetidos, podemos supor que os afetos que conformam as cidades são fundamentalmente associados com cargas valorativas negativas.

Mas seriam só de problemas que as vidas e as cidades são feitas?

Na representação de mundo que reside na arte, encontramos a tradução do mundo pela cognição dos sujeitos que nele habitam. Cores, sons e sabores se tornam suportes de memória que evocam em nossos corpos não apenas o passado individual, como uma madeleine de Proust, mas também nossa existência coletiva e a forma como o cotidiano se constrói na cidade.

No lugar de olharmos e apontarmos os problemas, pretendemos agora ver os afetos, algumas formas positivas de afeto, e compreender se estes podem ser o ponto de partida para a formação e fortalecimento de uma vida urbana que possa ser alegre e pulsante. Tal como sugeriu Aristóteles, no Livro Primeiro da Política, se as cidades são uma espécie de associação, essas associações teriam como objetivo e função algum bem. Não acontecem descompromissadas, nem por acaso.

É possível desvelar os problemas, as opressões, as dores, as mazelas humanas a partir de um percurso mais afetivo nas cidades? E qual seria o papel das cidades na intermediação desses processos?

Podemos, então, pensar na ação política, para além de uma leitura vinculada ao senso comum, mas, essa relacionada com a possibilidade de diálogos e interações entre os cidadãos. Assim como, adentrando nas inúmeras possibilidades de política e também extrapolando, podemos pensar nas vidas cotidianas e em seus registros: sejam esses visuais, discursivos, associados em canções, narrativas ou obras ficcionais.

## MÚSICA COMO REGISTRO INFORMACIONAL DA CIDADE

Quantas vezes não ouvimos uma música e somos transportados a um momento específico do passado? O imaginário popular e a história das cidades se entrelaçam na música, seja pela letra, pela melodia ou pelos instrumentos. Se, como sugere Schollhammer, “o poder da palavra é identificado com o despertar da imagem mental durante a leitura”, a música, extrapolando a palavra, desperta, para além de visualidades, o afeto. Tendo essas ideias como ponto de partida, podemos entender a música, em especial a música de protesto, como um registro informacional da cidade. Quando vista dessa forma, torna-se uma rica fonte de informação que permite analisar não apenas o artista e sua mensagem, como também seu contexto. É com objetivo de debruçar sobre essa ideia que propomos, neste debate exploratório, uma análise de “Construção”, canção de Chico Buarque, lançada em 1971 em álbum homônimo. Nossa hipótese é a de que, ainda que não seja necessariamente a intenção do compositor, uma música, por mais ‘atemporal’ que seja considerada, não se dissocia de seu contexto de produção, assumindo uma função representativa de seu tempo.

## AMOR À CIDADE: TOPOFILIA EM NOEL ROSA

A cidade, mesmo dentro da produção capitalista, ainda resiste, ainda vive, ainda pulsa. Mesmo com um alto grau de individualismo que se espacializa em um enorme número de condomínios fechados e shoppings, e que fortalecem a percepção do espaço público como lugar de violência, ainda observamos que a ocupação cultural urbana não deixou de acontecer. A música é o tema para a busca dessa sociabilidade que ainda resiste na cidade, ao mesmo tempo que podem gerar uma cartografia na cidade, as letras também nos falam, muitas vezes, do amor à cidade. Neste sentido, afasto-me da leitura pragmática das mazelas urbanas para buscar nela os enclaves afetuosos - que observo através da música - potencialidades cotidianas para o afeto urbano. Esta cidade não só se lê, mas nos conta, nos canta e nos encanta em nossos múltiplos sentidos, assim como a música.

## DO QUE PODE SER VISTO NAS CIDADES: ENTRE DEMOCRACIAS E AUTORITARISMOS

Em sua origem e através dos tempos, a democracia tanto foi fundada, como somente se faz possível nas/pelas cidades; assim como essa pressupõe a formação de regimes específicos de visibilidade - conformados por palavras, imagens, enfim, a linguagem. Por outra via, governos e ideários autoritários também operam incisivamente através desses mesmos elementos. Entretanto, em tais contextos, esses são acionados e têm usos/funções radicalmente distintos.

A partir da observação de algumas conformações autoritárias, principalmente relacionadas aos fascismos do início do século XX, serão analisados usos de palavras, tanto como de imagens, um afastamento do bom afeto no espaço da cidade. Ainda intenciona-se estender tal discussão e examinar conjunturas contemporâneas, em especial no Brasil: examinando

as possibilidades, ou impossibilidades, de democracia nos planos das cidades e da linguagem.

## UMA BAHIA IMAGINADA: MEMÓRIA E IMAGINÁRIO NA BAHIA DE OUTRORA DE MANOEL QUERINO

Este trabalho insere-se em uma investigação mais ampla da obra de Manuel Querino (1851-1923), intelectual negro, baiano, que versa sobre as artes e os costumes na Bahia e sobre a formação civilização brasileira. Em um contexto de reformas urbanas (realizadas no governo de J. J. Seabra, 1912-1916), de construção de uma república e de imaginar uma nação, o autor publica “A Bahia de Outrora”, obra em que se volta para o cotidiano da cidade de Salvador tal como a recorda. De fato, Querino buscava com as memórias de sua vida na Cidade da Bahia, reconstruir aquilo que sentia e via perder para um projeto de cidade pretensamente moderna e civilizada, e, assim, terminava por criar uma imagem própria da vida em Salvador. Entendendo a narrativa construída por Querino desta “Bahia de outrora” como a produção de imagens evocativas de imaginários em torno da cidade, – imagens estas que serão revisitadas por outrem na elaboração mais ou menos voluntária de uma noção de baianidade – pretende-se dar início à exploração das categorias memória e imagem como chave de investigação da obra de Manuel Querino para compreender o papel destas imagens no contexto mais amplo do pensamento e da prática política do autor.